

Dez Cartas a Milena, de Franz Kafka: uma tradução comentada

Leonardo Petersen Lamha* e Susana Kampff Lages**

Apresentação

Em 1919, Kafka, então com 36 anos, começava a angariar modesto respeito como escritor nos círculos literários de língua alemã. Além de contos e novelas em revistas literárias, já havia publicado os volumes *Contemplação*, *A metamorfose*, e *O médico rural*. Em outubro desse ano, recebe, de Viena, uma carta em que lhe é pedida permissão para traduzir seus textos para o tcheco. Remetente: Milena Pollak, nascida Jesenská, sua conterrânea de 23 anos, que, em razão de dificuldades financeiras, começava sua carreira de jornalista e tradutora “em meio ao sombrio mundo vienense”. Em fevereiro de 1920, Milena inicia a tradução da novela “O foguista”, primeiro capítulo de *O desaparecido ou Amérika*. Em abril, dá início à correspondência que, publicada pela primeira vez em 1952 pela editora Schocken Books, entrou para a história da literatura sob o título *Cartas a Milena* [*Briefe an Milena*]. Ao lado das *Cartas a Felice* e da *Carta ao Pai*, ela constitui uma das partes mais importantes da vasta obra epistolar de Kafka.

Durante o período da correspondência, que decorre principalmente durante o ano de 1920 (com algumas poucas cartas trocadas em 1921 e 1922), Milena passava por uma crise existencial e conjugal. Solitária e sem recursos, oscilou entre diversos empregos e subempregos: trocadora de moedas, carregadora de malas em estações de trem, professora de tcheco, até se firmar como tradutora e jornalista, carreira na qual obteve sucesso. Durante o breve e intenso período da relação com Kafka, chegou a cogitar, mas nunca a concretizar, a possibilidade de deixar o marido.

* UFF

** UFF

Em 1924, Kafka falece devido a complicações decorrentes da tuberculose. Milena continuaria a carreira de jornalista e tradutora, traduzindo, entre outras, diversas obras de Kafka ao tcheco. Em 1939, com a ocupação nazista, acusada de participar de publicações ilegais, é presa pela Gestapo. Logo é deportada para o campo de concentração para mulheres de Ravensbrück, onde morreria de desnutrição em 1944. Destino semelhante teve grande parte da família de Kafka, de origem judaica.

Os períodos de produção literária de Kafka, oscilando sempre entre intensidade e paralisia, podem também ser retrçados ao estado das relações romântico-epistolares com Felice Bauer e com Milena. Sob influência da relação com Felice, de 1912 a 1917, Kafka escreve *O veredito*, *O processo* e *A metamorfose*, narrativas que contêm elementos da noiva e dos atribulados dois noivados; já a figura de Milena, por sua vez, transparece na personagem Frieda, de *O castelo*, e impactou o conjunto de escritos póstumos chamado *Konvolut 1920*, conhecidos no Brasil como *Narrativas do espólio*.

Influenciando e sendo influenciada pela obra ficcional, a correspondência de Kafka configura-se, portanto, como *obra* epistolar. Com a presente tradução comentada – ainda em curso – das dez primeiras *Cartas a Milena* – iniciadas elas próprias sob o signo da tradução –, propomos uma pequena amostra dessa obra em sua plena autonomia literária e artística.

Como afirma Haring (2010, p. 391), as cartas kafkianas são a um só tempo suporte da relação e a própria relação. Assim, um dos principais desafios à tradução dessas cartas é dar conta da “metalinguagem” privada – assim chamada pelos editores da segunda edição expandida das *Cartas*, Jürgen Born e Michael Müller (KAFKA, 1986, p. 414) – desenvolvida e aperfeiçoada por Kafka e Milena e comum a todo relacionamento amoroso. Ainda que as cartas escritas por Milena não tenham sobrevivido, a qualidade literária – de ambas as partes – se deixa ver nas entrelinhas, na sutileza da aproximação erótica, na maneira como anedotas e reflexões são torcidas por Kafka para se aplicarem com precisão à vida de Milena.

É como se a metalinguagem dos correspondentes atuasse contra a própria possibilidade de tradução, a qual, dessa perspectiva, operaria, de forma análoga aos correios, como força de extravio postal, desviando as cartas endereçadas à Milena a destinatários temporal e espacialmente

estranhos – a nós. Talvez mais que a obra literária marcada e legitimada como tal, é na correspondência que o problema da determinação do sentido, comum tanto ao trabalho ficcional quanto ao hermenêutico, se mostra em toda sua complexidade, para seus leitores e consequentemente seus tradutores. Assim, ficando a carta no meio do caminho entre a literatura e a comunicação privada, e face à metalinguagem dos correspondentes, esta tradução tenta dar conta do esmero textual kafkiano – ímpar mesmo levando em conta a correspondência de grandes escritores.

Certo é que, se as *Cartas a Milena* podem ser lidas como obra autônoma, sua matéria-prima é uma relação mediada pela literatura, seja ela em sua dimensão poético-ficcional, hermenêutico-crítica, bem como comunicativo-epistolar. Nela, a prática da tradução figura como meio privilegiado de criação e reflexão.

Questões editoriais

Esta tradução das dez primeiras *Cartas a Milena* se baseia na mais recente edição crítica das cartas completas de Kafka (2013), a *Briefe 1918-1920*, editada por Hans-Gerd Koch, e chamada de *Kritische Kafka Ausgabe* (KKA). Nela estão inclusas todas as cartas escritas por Kafka entre 1918 e 1920, na qual figura a maior parte da correspondência com Milena. Devido ao espaço limitado desta publicação, e para manter tanto o importante conjunto das dez primeiras cartas a Milena quanto o caráter pioneiro desta tradução – a primeira tentativa de uma tradução direta do original alemão para o português brasileiro¹ –, optamos por inserir nas notas sobretudo esclarecimentos contextuais e filológicos necessários para uma melhor compreensão do teor das cartas e de seu complexo jogo entre literatura, metaliteratura e tradução – anunciado desde a primeira carta da correspondência.

¹ Em português, dispomos das seguintes traduções integrais das *Cartas a Milena*: a tradução portuguesa de António Sousa Ribeiro, de 2018, publicada pela Relógio D'Água e baseada na mesma edição que a presente seleção (e na edição expandida, para as cartas posteriores a 1920); e a tradução de Torrieri Guimarães, hoje disponível pela editora Itatiaia, porém traduzida a partir de edições americanas e espanholas, sem contato com o original alemão, e provavelmente baseadas na desfalcada primeira edição alemã. Cf. BOTTMANN, 2014.

Publicada em 2013 na Alemanha, a *Briefe 1918-1920*, edição crítica das cartas escritas entre 1918 e 1920, traz mudanças significativas no conteúdo e na datação da correspondência com Milena em relação aos das edições anteriores das *Cartas a Milena*. A primeira edição, publicada por Willy Haas em 1952 (ele próprio personagem das cartas), trazia inúmeras omissões a eventos e pessoas vivas à época, bem como, ainda sob influência do Holocausto, a passagens sensíveis relativas à questão judaica, como se pode ver numa das cartas da presente seleção. A segunda edição expandida [*Erweiterte Neuauflage*], de 1986, corrige a datação, insere datas presumidas, restaura boa parte das omissões e inclui cartas descobertas posteriormente. A edição expandida de 1986 é a reunião mais recente das cartas escritas por Kafka a Milena publicadas em livro sob o título *Briefe an Milena*. Diferentemente da correspondência com Felice Bauer, ainda não há uma edição crítica das *Briefe an Milena*, já que a relação com Milena se estende até o ano de 1922. Quando for publicado o esperado último volume da correspondência completa de Kafka, compreendendo os anos de 1921 a 1924, ela possivelmente deverá servir de base para uma edição crítica da correspondência com Milena². Seja como for, a edição crítica da correspondência completa, em que se baseia a presente seleção, vem acompanhada de detalhados e exaustivos comentários que esclarecem trechos antes ilegíveis e justifica o reordenamento de parágrafos das cartas a Milena escritas em 1920.

² Para mais informações sobre a intrincada história editorial dos manuscritos kafkianos, inclusive a complexa relação entre as cartas a Milena e a obra ficcional, conferir a tese de doutoramento de Gabriel Alonso Guimarães (2021).

Cartas a Milena, de Franz Kafka: as dez primeiras cartas

Merano, provavelmente março de 1920³

Prezada Sra. Milena⁴, em meio ao sombrio mundo vienense a senhora se debate com a tradução⁵. É de certa forma comovente e vergonhoso para mim. A senhora já deveria ter recebido uma carta de Wolff⁶, ao menos ele me escreveu faz tempo sobre uma tal carta. Não escrevi uma novela chamada “Assassinos”, que pelo visto foi anunciada num catálogo, trata-se de um equívoco; mas, como essa novela parece ser a melhor entre as duas, a senhora deve ter razão.

A julgar pela sua última e penúltima carta, parece que o desassossego e as preocupações a abandonaram de todo e em definitivo, e isso por certo se aplica também a seu marido, é o que desejo a ambos. Lembro-me de uma tarde de domingo, anos atrás, eu me esgueirava entre as paredes das casas no Franzensquai⁷, encontrei-o vindo em minha direção, não de forma muito mais magnífica, dois especialistas em dores de cabeça, cada um porém à sua própria maneira. Já não sei mais se fomos andando juntos ou se passamos um pelo outro, a diferença entre essas duas possibilidades não deve ter sido grande. Mas isso passou e deve permanecer enterrado no passado. Está tudo bem em casa?

Cordiais saudações,
Kafka

³ Kafka nem sempre datava as cartas. Na mais recente edição da correspondência completa, tanto os cabeçalhos quanto a ordem das cartas, que difere consideravelmente das de edições anteriores das *Cartas a Milena*, foram resultado do trabalho investigativo dos editores.

⁴ Sendo Milena casada, Kafka utiliza o pronome de tratamento formal *Sie* para se referir a ela ao longo dessas dez primeiras cartas. Traduzimo-lo por “senhora”, para marcar a distância respeitosa entre os dois – que, mais tarde, será quebrada através da troca para o íntimo e pessoal pronome de tratamento *Du*, “tu” ou “você”.

⁵ Milena Jesenská traduzia “O foguista” – primeiro capítulo do romance inacabado *O desaparecido ou América* e publicado por Kafka como novela independente – do alemão para o tcheco. Esse foi o estopim para o início da correspondência entre os dois, iniciada provavelmente por Milena.

⁶ Kurt Wolff, editor das primeiras obras de Kafka na Kurt Wolff Verlag.

⁷ Antigo nome em alemão da atual Orla Smetana, passeio público à margem direita do rio Moldáva, localizado na Cidade Velha, em Praga.

12 de abril de 1920, segunda-feira

Pousada Ottoburg, Merano Maia Bassa⁸

Prezada Sra. Milena, acaba de cessar a chuva que já durava dois dias e uma noite, é provável que apenas provisoriamente, ainda assim um acontecimento digno de ser celebrado, o que faço ao lhe escrever. Aliás, mesmo a chuva era suportável, afinal aqui se está no estrangeiro, ainda que não tão estrangeiro assim, mas faz bem ao coração. Se minha impressão estiver correta (um único momento em que estivemos juntos e praticamente em silêncio não pode ser esgotado pela memória, é claro⁹), a senhora também gostou de estar numa Viena estrangeira¹⁰, que mais tarde deve ter se tornado sombria devido às circunstâncias, mas também lhe agrada o estrangeiro em si (o que aliás talvez seja, e não devesse ser, um mal sinal)?

Aqui tenho passado muito bem, o corpo mortal mal consegue suportar tantos cuidados, a sacada do meu quarto se afunda num jardim coberto, tomado por arbustos em flor (curiosa a vegetação aqui; num clima que, em Praga, quase congelaria as poças d'água, as flores se abrem lentamente diante da minha sacada) expostos ao sol (ou ao céu profundamente nublado, como tem estado já há quase uma semana), lagartos e pássaros, duplas estranhas, vêm me visitar: gostaria tanto que a senhora pudesse estar em Merano, já que recentemente escreveu sobre o não-conseguir-respirar, nisso imagem e sentido estão muito próximos um do outro e aqui ambos podem se tornar um pouco mais leves.

Com minhas mais cordiais saudações,

Seu

F Kafka

⁸ De abril a junho de 1920, Kafka tratava uma infiltração nos pulmões num sanatório em Merano, no norte da Itália.

⁹ Em 1918, num café em Praga, Kafka encontra Milena pela primeira vez.

¹⁰ Ao se casar com Ernst Pollak em 1918, Milena se muda de Praga para Viena.

Final de abril de 1920

Pousada Ottoburg, Merano Maia Bassa

Prezada Sra. Milena,

Escrevi-lhe um bilhete de Praga e depois um outro de Merano. Não recebi resposta. De fato, os bilhetes não demandavam nenhuma resposta imediata e, se o seu silêncio não for senão sinal de um relativo bem-estar, o que com frequência se expressa por uma certa aversão à escrita, então me darei por satisfeito. Mas também é possível – e por isso escrevo – que de alguma maneira eu a tenha ofendido com meus bilhetinhos (se tiver sido esse o caso, que mãos brutas eu teria, e contra toda a minha vontade!), ou, o que evidentemente seria muito pior, que o momento de respiração tranquila, sobre o qual escreveu, novamente teria passado e sobrevindo um mau período. A propósito da primeira possibilidade, não sei o que dizer, pois ela está tão distante de mim e todo o resto tão mais perto; a propósito da segunda, não aconselho – como poderia aconselhar algo? –, apenas pergunto: por que não sai um pouco de Viena? Ao contrário de outras pessoas, há um lar à sua espera [*Sie Sind doch nicht heimatlos wie andere Leute*]. Será que uma estadia na Boêmia não lhe renovaria as forças? E se, por razões que desconheço, não quiser ir para a Boêmia, mas para algum outro lugar, talvez até mesmo Merano seja bom. Conhece a cidade?

Aguardo, pois, duas coisas: ou mais silêncio, que significaria: “não se preocupe, vou muito bem”. Ou então, algumas linhas.

Muito cordialmente,

Kafka

Dou-me conta de que na verdade não consigo lembrar do seu rosto em detalhes e com precisão. Somente de como depois a vi saindo do café, passando por entre as mesas, sua figura, seu vestido, isso eu ainda vejo.

Merano, cerca 5 de maio de 1920, quarta feira

Agora o pulmão. Fiquei com o problema girando na cabeça o dia inteiro, não consegui pensar em mais nada. Não que eu tenha ficado especialmente assustado com a sua doença, é provável, como espero – suas alusões parecem corroborar isso – que ela se manifeste de forma leve, pois mesmo a real doença dos pulmões (metade da Europa tem os pulmões mais ou menos defeituosos), que há três anos me é familiar, me trouxe mais coisas boas que ruins. Comigo ela começou há cerca de três anos, com uma hemorragia no meio da noite¹¹. Levantei-me animado, como sempre ficamos frente a alguma novidade (ao invés de permanecer deitado, como mais tarde descobri ser o recomendado), naturalmente também um pouco assustado, fui até a janela, me debrucei nela, fui até a pia, andei pelo quarto, sentei-me na cama – o sangramento não parava. Mas não foi em absoluto um infortúnio pois, aos poucos, por um determinado motivo, fui entendendo que, depois de praticamente três ou quatro anos de insônia, eu dormiria pela primeira vez, desde que o sangramento parasse. Ele de fato parou (e não voltou desde então), e dormi o resto da noite. De manhã chegou a camareira (na época eu alugava um apartamento no Schönborg-Palais), uma garota boa, quase altruísta mas extremamente pragmática, viu o sangue e disse: “Pane doktor, s Vámi to dlouho nepotrva” [Senhor doutor, o senhor não vai durar muito]. Mas eu me sentia melhor do que nunca, fui ao escritório e só depois do almoço ao médico. O resto da história não importa aqui. O que eu queria dizer era: não foi a sua doença que me assustou (além do mais, eu me atropelo o tempo todo, remexo nas lembranças, reconheço por trás da sua ternura um rústico frescor camponês, e por isso constato: não, Milena, a senhora não está doente, é uma advertência mas não uma doença pulmonar), não foi isso portanto que me assustou, e sim pensar no que deve ter precedido essa perturbação.

Até aqui tenho ignorado o resto das coisas que aparecem na sua carta, por exemplo: nenhum centavo – chá e maçã – diariamente, das 2 às 8 –, são coisas que não entendo e pelo visto só podem mesmo ser explicadas pessoalmente. Por isso vou abstrai-las (em todo caso, só em carta, pois não consigo esquecê-las) e pensar apenas na explicação que à época encontrei

¹¹ A tuberculose de Kafka, relatada a seguir para Milena, irrompe na noite de 7 a 8 de agosto de 1917, e marca o fim do segundo noivado e dos cinco anos de relação epistolar com Felice Bauer.

para o meu próprio caso, e que se aplica a muitos outros. É que o cérebro não conseguia mais suportar as preocupações e dores que lhe eram infligidas. Ele disse: “desisto! mas se tem alguém aqui que se importa com a conservação do todo, então que partilhe do meu fardo, assim será possível continuar mais um pouco”. Então o pulmão se apresentou, ele não tinha lá muito o que perder. Essas negociações entre cérebro e pulmão, ocorridas sem o meu conhecimento, devem ter sido terríveis.

E o que fará agora? Provavelmente de nada adianta que receba só um pouco de cuidados. Que precise de um pouco de cuidados, porém, qualquer um que a queira bem deve reconhecer, é só isso que importa. Logo, não haveria aqui uma salvação? [*Also eine Erlösung hier?*] Eu já disse que sim – não, não quero fazer gracinhas, realmente não sou nada divertido e não o serei até saber que arranjou um modo de vida novo e mais saudável. Depois de sua última carta não irei mais perguntar por que não sai um pouco de Viena, agora compreendo, mas também há muito boas estadias disponíveis nas proximidades, além de algumas opções para que possa cuidar de si. Hoje não escreverei sobre mais nada, não tenho mais nada de importante a propor. O resto segue amanhã, assim como os agradecimentos pela revista¹², que me comove e envergonha, me entristece e alegra. Não, mais uma coisa ainda hoje: se usar um minuto sequer do seu sono para o trabalho de tradução, será como se me amaldiçoasse. Pois, caso as coisas acabem indo parar no tribunal, lá não vão querer saber de investigações, simplesmente constatarão: ele roubou-lhe o sono. Então serei condenado, e com justiça. Portanto, luto em prol de mim mesmo quando peço que não faça mais isso.

Seu, Kafka

Merano, cerca de 6 de maio de 1920, quinta-feira

Prezada Sra. Milena, hoje queria escrever sobre outros assuntos, mas não consigo. Não que eu leve isso realmente a sério, se levasse, escreveria de

¹² Edição de 22 de abril de 1920 da revista literária tcheca *Kmen*, contendo a tradução de Milena de “O foguista” para o tcheco.

outra forma, mas de vez em quando deveria haver uma espreguiçadeira em algum canto do jardim, à meia sombra, à sua espera, além de uns dez copos de leite ao alcance de sua mão. Isso deveria ser possível mesmo em Viena, e tanto mais agora, no verão, porém sem fome nem perturbações. É impossível? Não há ninguém que poderia tornar isso possível? E o que diz o médico?

Quase me decepcionei ao retirar do enorme envelope a revista contendo a sua tradução¹³. Eu queria ouvir notícias de Milena, não aquela voz por demais conhecida saída do velho túmulo. Por que ela foi se meter entre nós? Até que me ocorreu: foi também essa voz que intermediou nossa relação. Mas de resto me é incompreensível que tenha tomado para si esse trabalho enorme, e profundamente tocante é a fidelidade com a qual, frase a frase, [*Sätzchen auf und ab*], conseguiu realizá-lo – uma fidelidade, cuja possibilidade e cuja bela e natural legitimidade eu supunha impossível de se obter em tcheco. Alemão e tcheco, tão próximos um do outro? Seja como for, [*O foguista*] é de uma ruindade abissal, e eu poderia lhe demonstrar isso com facilidade incomparável, cara Milena, praticamente linha a linha, se minha repulsa não acabasse sendo um pouco mais forte do que as evidências. O fato de que goste da minha história é evidentemente algo que a valoriza, embora me turve um pouco a imagem do mundo. Basta desse assunto. Wolff lhe enviará o “Médico rural”, já escrevi a ele.

Claro que entendo o tcheco. Já quis lhe perguntar por que não escreve em tcheco ao menos uma vez. Não porque não domine o alemão, domina-o e no geral de forma estupenda, e se alguma vez não o dominar, é ele que se curvará de boa vontade à sua frente, o que seria especialmente belo, já que um alemão não ousa esperar isso da própria língua, não ousa escrever de forma tão pessoal. Mas eu gostaria de lê-la em tcheco porque Milena pertence a ele, porque é só no tcheco que ela se encontra por inteiro (a tradução o comprova), aqui nas cartas afinal só está a Milena de Viena ou a Milena que se prepara para Viena. Portanto em tcheco, por favor. E também os

¹³ A revista *Kmen*. Ver nota anterior.

*feuilletons*¹⁴ que mencionou. Se forem insignificantes, bem, a senhora também teve que atravessar a insignificância da minha história, não sei até onde avançou na leitura. Talvez eu consiga fazer o mesmo; caso não consiga, ao menos ficarei preso no melhor de todos os preconceitos.

Quanto à pergunta sobre o meu noivado. Estive duas vezes noivo (ou, se quiser, três, duas vezes com a mesma moça), portanto por três vezes estive a poucos dias de distância do casamento. A primeira vez já foi inteiramente superada (já houve até um novo casamento e um filhinho, pelo que ouvi)¹⁵, a segunda ainda subsiste¹⁶ mas sem qualquer perspectiva de casamento. Na verdade, não subiste, ou melhor, vive uma vida independente, às custas dos envolvidos. No geral, descobri aqui e em outros lugares que os homens talvez sofram mais, ou, se preferir, têm aqui menos força para resistir, enquanto as mulheres sempre sofrem sem culpa. Não porque “não podem fazer nada”, mas no sentido mais estrito, o que contudo talvez deságue novamente no “não poder fazer nada”. De resto, é inútil continuar a pensar sobre essas coisas. É como se alguém que se esforçasse para destruir uma única caldeira do inferno, primeiramente fracassasse e depois, ao conseguir, ardesse no magma incandescente que dela escorre; o inferno, porém, continua a existir em todo o seu esplendor. É preciso começar de outra forma.

Seja como for e antes de tudo: deitar-se num jardim e extrair da doença, especialmente não se tratando de uma doença real, tanta doçura quanto possível. E há muita doçura dentro dela.

Seu,
FranzK¹⁷

Merano, cerca de 12 de maio de 1920, quarta-feira

¹⁴ Matérias, textos ensaísticos e crônicas que Milena publicava em jornais e revistas tchecas, e tinha vergonha de mostrar a Kafka. Alguns deles foram incluídos na edição expandida de 1986 das *Cartas a Milena*.

¹⁵ Felice Bauer, primeira noiva de Kafka.

¹⁶ Quando inicia a correspondência com Milena, Kafka estava noivo de Julie Wohryzek, que conhecera pouco antes numa de suas muitas estadias em sanatórios para se recuperar da tuberculose que se intensificava. O noivado seria logo dissolvido, em parte por Kafka ter se apaixonado por Milena e vislumbrado com ela um futuro a dois.

¹⁷ A assinatura de Kafka, que deixava pouco espaço entre o “Franz” e o “K”, levará Milena, em cartas posteriores, a apelidá-lo de “Frank”, apelido com o qual ele mais tarde passará a assinar as cartas.

Prezada Sra. Milena (sim, o cabeçalho [*Überschrift*] tem começado a irritar, mas, em um mundo incerto, ele representa um dos pontos de apoio aos quais os doentes podem se escorar, e, se o apoio passa a irritá-los, isso não lhes evidencia nenhuma melhora de saúde), nunca vivi entre os alemães, o alemão é minha língua materna e por isso me é natural, mas o tcheco me está mais perto do coração [*viel herzlicher*]¹⁸, por isso sua carta destrói algumas inseguranças, eu a vejo com clareza, Milena, o movimento de seu corpo, de suas mãos, tão velozes, tão decididas, é quase um encontro; porém, quando quero erguer o olhar até o seu rosto, então, no decurso da carta – mas que história! – ela se incendeia, e não vejo nada senão fogo¹⁹.

Seria tentador acreditar nessa lei que estabeleceu para a sua vida. Que não queira ser penalizada por conta dessa lei, sob cujo controle supostamente se encontra, é evidente, pois não é senão pura altivez e orgulho o ato de se estipular essa lei (*já jsem tem který platí*, “eu sou aquela que paga”), seja como for, não é preciso continuar a discutir as provas que me forneceu em favor dessa lei, só resta beijar-lhe a mão em silêncio. Quanto a mim, acredito sim na sua lei, só não acredito que ela pare tão cruel, eterna e marcadamente sobre a sua vida, pode até tê-la descoberto, mas foi uma descoberta no meio do caminho, e o caminho é interminável.

Porém, independente disso, é terrível para a nossa razão humana, tão restrita ao plano terreno [*den irdisch beschränkten Verstand eines Menschen*], vê-la, Milena, nesse forno superaquecido em que vive. Mas agora quero falar apenas de mim. Se considerarmos a situação como uma tarefa escolar, a senhora tinha, no que diz respeito a mim, três possibilidades. Podia por exemplo não ter me contado absolutamente nada sobre si, nesse caso, porém, teria me privado da felicidade de conhecê-la e, o que é ainda maior que a felicidade, de me colocar à prova. Portanto não devia ter me ocultado isso.

¹⁸ Kafka fazia parte de uma minoria tcheca cuja língua-mãe era o alemão. Seus conhecimentos de tcheco (avançados mas não a nível nativo) foram adquiridos na escola e através de aulas particulares.

¹⁹ Sobre o fogo que irrompe das palavras de Milena, escreve Kafka também a Max Brod, alguns dias depois, por volta de 16 de maio de 1920: “Não consigo dormir por razões distintas, uma delas talvez seja minha correspondência com Viena. Ela [Milena] é um fogo em brasa [*lebendiges Feuer*], tal qual eu nunca havia visto antes, mas um fogo que apesar de tudo só arde por ele [Ernst Pollak, marido de Milena]. E nisso muitíssimo delicada [*zart*], corajosa e inteligente, a tudo ela sacrifica ao fogo [*alles wirft sie in das Opfer hinein*] ou, se preferir, a tudo conquistou através do sacrifício. Mas também, que tipo de homem ele não deve ser, para conseguir suscitar nela essas coisas!” (KAFKA, 2013, p. 142), tradução nossa.

Poderia ainda ter silenciado ou embelezado alguns fatos, e ainda o pode fazer, mas na situação atual eu o pressentiria mesmo se não lhe dissesse nada a respeito, o que me feriria duplamente. Portanto tampouco deveria fazer isso. Então resta apenas: procurar salvar-se a si mesma um pouco. Uma pequena possibilidade de salvação aparece em suas cartas. Com frequência leio nelas palavras sobre tranquilidade e estabilidade, e por vezes, certamente menos, palavras sobre quaisquer outras coisas, e no final até sobre: “reelní hruza” [verdadeiro horror].

Não estou satisfeito com o que me conta sobre sua saúde (a minha vai bem, afora o sono, que piora no ar das montanhas). Não considero o diagnóstico do seu médico extremamente favorável, na verdade não é favorável nem desfavorável, só o seu comportamento, Milena, poderá decidir que interpretação dar a ele. Claro que os médicos são estúpidos, ou melhor, não são mais estúpidos que qualquer outra pessoa, mas suas pretensões são ridículas; em todo caso, é preciso levar em conta que, a partir do momento em que nos envolvemos com médicos, eles vão se tornando cada vez mais estúpidos, mas o que por ora o médico exige não é nem estúpido nem impossível. Impossível é que a senhora fique realmente doente, e essa impossibilidade deve permanecer como tal. De que forma a sua vida mudou desde a conversa com o médico – essa é a questão principal.

A seguir, ainda algumas questões secundárias, se me permitir. Por que e desde quando está sem dinheiro? Não está em contato com seus parentes? (creio que sim, pois uma vez me foi fornecido um endereço onde a senhora recebia encomendas regularmente, ele não existe mais?) Por que, como consta em sua carta, tinha antes relações com muitas pessoas em Viena e agora com ninguém?

Não quer me enviar seus *feuilletons*, ou seja, não confia que eu vá saber inseri-los no lugar correto da imagem que faço da senhora. Está bem, então neste ponto estou zangado contigo, o que aliás não é nenhum infortúnio, já que, para equilibrar a situação, é conveniente que num recanto do coração haja um pouco de raiva guardada para a senhora.

Seu, FranzK

Merano, provavelmente 13 de maio de 1920, quinta-feira

Prezada Sra. Milena,

Primeiramente, para que talvez não leia em minha carta algo que vai contra minha vontade: há cerca de 14 dias tenho sofrido de uma insônia que só piora, em princípio não me importo com ela mais do que o necessário, tais períodos vão e vêm e sempre possuem suas causas (segundo Bädeler²⁰, pode até ser, ridiculamente, o próprio ar de Merano), e, mesmo que tais causas mal e mal sejam perceptíveis, ainda assim deixam a gente estúpido como uma porta e inquieto como um animal da floresta.

Mas tenho algo para compensar. A senhora dormiu tranquilamente, ainda que “de um modo estranho”, ainda que ontem tenha sido um “estar fora de si”, mas apesar disso dormiu tranquilamente. À noite, quando o sono passa por mim, reconheço o seu caminho e o aceito. Aliás, resistir a ele seria pura tolice, o sono é a criatura mais inocente que existe e o insone a mais culpada.

E é a este insone que a senhora agradece na última carta. Se um estranho sem conhecimento de causa a lesse, haveria de pensar: “Que homem! Se for isso, parece ter movido montanhas!” Quando na verdade não fez absolutamente nada, não moveu um dedo (fora o que escreve), alimentasse de leite e coisas saudáveis, nem sempre (ainda que com alguma frequência) avista “chá e maçãs” diante de si e de resto deixa as coisas seguirem seu curso e as montanhas no lugar delas. Conhece a história do primeiro sucesso de Dostoiévski? É uma história que resume muitíssimas coisas e que além disso só menciono agora por conta da familiaridade com o grande autor, pois uma história contada pelo vizinho ou ainda mais próxima teria o mesmo significado. Não conheço a história em detalhes, aliás, nem mesmo os nomes. Dostoiévski escrevia seu primeiro romance, *Gente pobre*, e na época morava com um literato de quem se tornara amigo, Grigoriew. Este via meses a fio as muitas páginas escritas sobre a mesa, mas só recebeu o manuscrito quando o romance estava pronto. Leu-o, ficou encantado e o levou, sem dizer nada a D., para Nekrassow, famoso crítico da época. Na

²⁰ Karl Bädeler (1801-1859), autor de conhecidos guias de viagem do século XIX.

madrugada seguinte, às 3 da manhã, batem à porta de D. São Gr. e N. que invadem o quarto, abraçam e beijam D., Nekrassow, que até então não o conhecia, declara Dostoiévski a “esperança da Rússia”, passam uma, duas horas conversando principalmente sobre o romance e só vão se despedir ao amanhecer. D., que sempre declarou ser essa noite a mais feliz da sua vida, debruça-se à janela, observa-os partir, não consegue se conter e começa a chorar. Neste ponto, o sentimento fundamental que ele descreveu já não sei mais onde, foi algo como: “Essa gente magnífica! Como são bons e nobres! E eu, como sou mau! Se eles pudessem olhar dentro de mim! Se eu lhes contasse, não acreditariam.” Que D. ainda planejasse imitá-los é só um floreio, é só a última palavra que a juventude invencível precisa ter, e não pertence mais à minha história, que portanto termina aqui. Percebe, cara Milena, o elemento misterioso e racionalmente impenetrável dessa história? Creio que seja o seguinte: Gr. e Nekr. certamente não eram – se é que podemos falar disso em termos gerais – mais nobres que D., mas, agora, abandone visão geral que tampouco D. exigiu naquela noite e que de nada serve no caso específico, escute apenas o que diz Dost. e irá se convencer que Gr. e N. eram realmente magníficos, que D. era impuro, infinitamente mau, que ele evidentemente nunca alcançará Gr. e N. nem de longe, e muito menos algum dia se poderá falar em uma reparação pela monstruosa e imerecida boa ação. Da janela é possível literalmente vê-los se afastando, e, nisso, insinuando sua superioridade. Infelizmente, o significado dessa história acaba sendo ofuscado pelo grande nome de Dostoiévski.

Aonde a insônia me levou? Com certeza a nada que não tenha tido a melhor das intenções.

Seu,
FranzK

Merano, cerca de 19 de maio de 1920, quarta-feira

Prezada Sra. Milena, só algumas palavras, amanhã certamente irei lhe escrever novamente, hoje escrevo apenas em causa própria, só para ter feito algo por mim, para me livrar um pouco da impressão deixada pela sua carta, do contrário ela continuaria me perseguindo dia e noite. A senhora é muito peculiar, mora aí em Viena, é obrigada a passar por tantos sofrimentos e ainda encontra tempo para se admirar com o fato de outros, por exemplo, eu, não passarem muito bem, e de que essa noite eu tenha dormido um pouco pior que na anterior. Nisso, minhas três amigas aqui presentes (três irmãs, a mais velha com cinco anos) foram mais sagazes, elas queriam, estivéssemos ou não próximos ao rio, me atirar na água de qualquer jeito, e não porque eu talvez lhes houvesse feito algum mal, de maneira alguma. Quando adultos ameaçam crianças dessa forma, trata-se claro de brincadeira e amor, e significa algo como: vamos agora falar as coisas mais inconcebíveis possíveis, só de brincadeira! Mas crianças são sérias e desconhecem o impossível, nem fracassando dez vezes em derrubar alguém elas poderão se convencer de que não terão sucesso na próxima, nem mesmo sabem que fracassaram nas dez vezes anteriores. Crianças só se tornam perturbadoras se preenchermos suas palavras e intenções com conhecimentos de adulto. Quando uma dessas pequenas de quatro aninhos, que parece existir só para ser beijada e apertada, e, forte como um pequeno urso, ainda um tanto rechonchuda da antiga fase da amamentação, avança desimpedida contra alguém, e as duas irmãs a ajudam vindo pela esquerda e pela direita, e atrás tem-se somente o gradeado, e tanto o padrasto carinhoso quanto a mãe meiga, bela e vigorosa (próxima ao carrinho com a quarta filha) sorriem de longe para esse alguém sem nenhuma vontade de ajudá-lo, então a situação já está quase perdida e é praticamente impossível descrever como esse alguém poderá ter se salvado. Sensatas ou prescientes, essas crianças queriam me derrubar sem nenhum motivo especial, talvez por me terem por supérfluo – e isso sem nem conhecerem as cartas que recebo e minhas respostas a elas.

Não precisa se assustar com a “melhor das intenções” da minha última carta. Foi uma fase – uma fase que nunca vem isolada aqui – de completa insônia, eu havia posto a história de Dostoiévski no papel, essa história sobre a qual penso com frequência no contexto da relação com a

senhora, e assim que eu a finalizei, não soube mais identificar com exatidão, na tensão entre as tēmporas à esquerda e à direita, por que me pus a contá-la, além disso havia também a quantidade amorfa de coisas que eu gostaria de lhe ter dito enquanto estava lá fora na poltrona, de modo que não me restou nada exceto invocar o “sentimento fundamental”, mesmo agora não sou capaz de muito mais que isso.

A senhora já possui tudo meu que foi publicado, afora o último livro, “Médico rural”, uma reunião de narrativas curtas que Wolff lhe enviará, pelo menos eu escrevi a ele a respeito disso há uma semana. No prelo não há nada, eu nem saberia o que mais poderia vir. O que quer que faça com as traduções e os livros estará correto, é uma pena que eu não dê mais valor a eles, de modo que o ato de lhes entregar em mãos expressasse a confiança que tenho na senhora. Por outro lado, ao lhe mandar as observações que deseja sobre O foguista, fico feliz em poder fazer um pequeno sacrifício, será a antecipação daquele castigo infernal que consiste na obrigação de repassar nossa vida com o olhar do conhecimento, em que o pior não é a revisão dos evidentes malfeitos, mas das ações que um dia foram bem-intencionadas.

Apesar de tudo, no entanto, a escrita faz bem, sinto-me mais calmo do que há duas horas, deitado na espreguiçadeira com a sua carta. A um passo de mim um besouro havia caído de costas, estava desesperado, não conseguia se erguer, eu gostaria de tê-lo ajudado, era tão fácil ajudá-lo, uma ajuda assim óbvia necessitava somente de um passo e um pequeno empurrão, mas sua carta me fez esquecer dele, também eu não conseguia me erguer, até que uma lagartixa me chamou novamente à atenção para a vida ao meu redor, seu caminho a levou a passar pelo besouro, que já estava completamente imóvel, ora, disse cá comigo, não tinha sido um acidente, mas um estertor, o raro espetáculo da morte natural dos animais, porém, ao deslizar por cima do besouro, a lagartixa acabou por erguê-lo, o besouro ficou ainda um tempo deitado feito morto mas depois subiu ligeiro o muro da casa, como se nada tivesse acontecido. De alguma forma, a cena deve ter me restaurado um pouco a coragem, levantei-me, bebi um pouco de leite e lhe escrevi.

Seu, FranzK

Eis as observações²¹:

Coluna 1 linha 2, “pobre” [*arm*] tem aqui também o segundo sentido: digno de pena, mas sem qualquer ênfase especial no sentimento, uma compaixão que não passa pela compreensão, que Karl também tem por seus pais, talvez *ubozí*.

I 9 “freie Lüfte”, “ares livres”, é um pouco mais grandioso mas ali decerto não há escapatória.

I 17 z *dobré nälady a poněvadž byl silný chlapec*: eliminar inteiramente²².

Não, prefiro enviar a carta, amanhã envio-lhe as observações, que aliás serão muito poucas, páginas e páginas de nada; a verdade da tradução, tão evidente, é sempre espantosa para mim quando me desfaço desse “evidente”, praticamente não há nela qualquer equívoco – se houvesse, nem seria nada demais –, ao contrário, somente uma forte e resoluta compreensão. Só não sei se os tchecos irão lhe recriminar a fidelidade, que é o que mais prezo na tradução (não tanto por causa da narrativa, mas por minha causa); a minha sensibilidade para a língua tcheca, eu também a possuo, está plenamente satisfeita, embora seja extremamente tendenciosa. Em todo caso, Milena, se alguém a recriminar, procure compensar a ofensa com a minha gratidão.

²¹ Trata-se de anotações referentes à tradução de Milena do começo de “O foguista”. Na tradução de Susana Kampff Lages (KAFKA, 2003, p. 13):

1) “pobres” [*arme*]: [...] “que fora mandado para a América por seus pobres pais”.

2) *Freie Lüfte* [ares livres]: “O braço com a espada erguia-se como se tivesse recém se elevado, e em torno à sua figura sopravam os ares livres”.

3) z *dobré nälady a poněvadž byl silný chlapec*, tradução de Milena. Original kafkiano: *aus Übermut, und weil er ein starker Junge war*. Tradução literal da tradução de Milena feita pelos editores da edição crítica da correspondência: *aus guter Laune und weil er ein kräftiger Bursche war* [Literalmente: “...por bom humor e porque era um rapaz forte”]. Tradução de Susana Kampff Lages: “[...ergueu a mala sobre o ombro] por entusiasmo e porque era um jovem robusto”.

²² Como aponta Michelle Woods (2014, p. 27), o pedido de Kafka para que Milena eliminasse uma frase inteira não se trata de uma crítica à tradução, mas ao seu próprio texto, com o qual estava insatisfeito mesmo depois de publicado e traduzido. Relembra Woods que as traduções de Milena foram largamente ignoradas pela crítica – exceto para serem criticadas. Os críticos parecem ter disposto só da primeira edição das *Cartas a Milena*, que não continha as cartas com os entusiasmados elogios de Kafka. Por fim, Woods aponta que muitos dos supostos erros tradutórios de Milena (talvez disparados por Brod ao lançar em sua biografia suspeitas sobre o domínio que Milena tinha da língua alemã) se devem tanto a interpretações tradutórias quanto ao contexto vanguardista, experimental e socialista de que fazia parte a *Kmen* e por extensão a recepção contemporânea de Kafka, cujo uso moderno e particular do alemão era recebido nesses círculos como virtude (dentre seus admiradores estava ninguém menos que o marido de Milena, Ernst Pollak).



Merano, provavelmente 25 e 29 de maio de 1920, respectivamente terça-feira e sábado

Prezada Milena, o dia é tão breve, passado com a senhora e, fora isso, com umas poucas ninharias, e acabou. Mal sobrou tempo para escrever para a Milena real, já que a Milena ainda mais real esteve aqui o dia inteiro, no quarto, na varanda, nas nuvens.

De onde vem o frescor, o bom humor, a tranquilidade de sua última carta? Algo mudou? Ou estou enganado e seriam os textos [*Prosastücke*] que têm ajudado? Ou será que tem conseguido se controlar e, dessa forma, também controlar as coisas? O que é?

Sua carta começa de modo judicial, falo seriamente. E tem razão com relação à censura “*či ne tak docela pravdu*” [não é inteiramente verdade] tanto quanto tinha razão sobre a “*dobře míněno*” [a melhor das intenções]. É evidente. Se eu tivesse estado inteira e constantemente preocupado tal como escrevi, não teria suportado permanecer na espreguiçadeira e, apesar de todos os obstáculos, estaria de pé no seu quarto no dia seguinte. [É] a única prova da veracidade, tudo o mais é discurso, inclusive este. Ou apelos ao “sentimento fundamental”, este, contudo, é mudo e tem as mãos repousadas no colo.

Como é possível que ainda não esteja farta dessas pessoas ridículas que descreve na sua carta (com amor e por isso de forma encantadora), e também daquele que pergunta, e de tantos outros? Precisa julgar, Milena, a mulher julga no final. (A lenda de Páris obscurece um pouco este fato, mas mesmo Páris só emite julgamento a respeito de qual sentença final de qual deusa é a mais forte). Não importam as coisas ridículas, poderiam ser só as coisas ridículas do momento, que então se tornariam sérias e boas posteriormente – é essa a esperança que nutre em relação a essas pessoas? Quem pode afirmar conhecer os pensamentos secretos da Juíza?, contudo, tenho a impressão de que Milena perdoa as coisas ridículas, as compreende, ama e através do amor as enobrece. Ao passo que essas coisas ridículas nada mais são do que o ziguezaguear dos cães, enquanto o dono vai em linha reta, não passando diretamente pelo meio, mas indo direto aonde o caminho o

leva. Apesar disso, haverá de existir um sentido no seu amor, acredito firmemente (é só que preciso questioná-lo e considerá-lo peculiar) e me ocorre a propósito – só para fortalecer tal possibilidade – uma frase dita por um funcionário do meu escritório²³. Há alguns anos, eu ia bastante ao rio Moldava, a bordo do barquinho *Seelentränker*²⁴, remava rio acima e então me esticava e, passando por sob as pontes, me deixava levar correnteza abaixo. Devido à minha magreza, a cena, vista lá de cima, deve ter sido hilária. O funcionário, que certa vez me viu de uma das pontes, resumiu da seguinte forma a sua impressão, depois de enfatizar o suficiente o aspecto cômico da cena: parecia o Juízo Final. Deve ter sido como aquele momento em que os caixões já foram destampados, mas os mortos ainda jazem deitados.

Fiz uma pequena excursão (não a grande que mencionei e que não aconteceu) e, durante quase três dias, por (um nada desagradável) cansaço, estive praticamente incapaz de fazer qualquer coisa, até de escrever; somente pude ler, li a carta e os seus artigos, frequentemente com a opinião de que esse tipo de prosa por certo não existe por si só, mas como uma espécie de sinalização encontrada no caminho que nos leva até alguém, um caminho por onde prosseguimos cada vez mais felizes, até que, num instante de clareza, reconhecemos que é absolutamente impossível continuar, só podemos correr em círculos dentro do próprio labirinto, mais agitados e perdidos que antes. Mas de qualquer forma: não foi uma escritora qualquer que escreveu esses artigos. Depois de tê-los lido, tenho quase tanta confiança na sua escrita quanto tenho na sua pessoa. Quanto à melodia da língua, em tcheco só conheço (segundo o pouco que sei) uma outra à altura, a de Božena Němcová²⁵, a música desta é diferente, mas semelhante à sua no aspecto resolutivo, apaixonado, doce e principalmente na inteligência perspicaz. Terá essa música surgido em consequência dos últimos anos? Ou já escrevia antes? Naturalmente, pode dizer de mim que sou ridiculamente tendencioso,

²³ A Agência de Seguros Contra Acidente de Trabalhos, onde trabalhava Kafka.

²⁴ “O sorvedor de almas”.

²⁵ Escritora tcheca (1820-1862), cujo romance *Babička* e cujas cartas Kafka apreciava desde os anos escolares.

no que teria razão, com certeza sou tendencioso, mas não tanto por conta do que encontrei nos seus textos (que aliás, são desiguais, em certos pontos prejudicados pelo resto do jornal), mas do que neles reencontrei. A qualidade inferior do meu julgamento pode ser facilmente reconhecida através do fato de que, seduzido por duas passagens, pensei que também o artigo recortado, sobre moda, era seu. Com prazer os guardaria para mim, para depois ao menos mostrá-los à minha irmã²⁶, mas como precisará logo deles, envio-os com esta carta, além disso também reparei que usou a margem dos artigos para fazer contas.

Eu tinha uma opinião completamente diferente a respeito do seu marido. Ele me parecera, em meio ao grupo que se reúne no café²⁷, o mais confiável, compreensivo, tranquilo, quase exageradamente paternal dentre eles, ainda que também pouco transparente, mas não a ponto de anular as características anteriores. Sempre senti respeito por ele, embora não oportunidade ou capacidade de conhecê-lo melhor, mas alguns amigos, em especial Max Brod, tinham-no em alta conta, o que sempre levei em consideração ao pensar nele. Em especial, numa certa época, gostei particularmente de uma peculiaridade dele, a de receber ligações telefônicas em todos os cafés que frequentava à noite. Lá estava alguém que, ao invés de dormir, sentava-se ao lado do telefone, cochilava com a cabeça recostada na poltrona, e vez ou outra se erguia em sobressalto para telefonar. Um estado que só menciono aqui, talvez, por compreendê-lo tão bem.

De resto, dou razão à Staša²⁸ e também a ele. Dou razão a tudo que é inacessível para mim, só quando ninguém estiver vendo é que darei mais razão à Staša, e secretamente.

Seu,
FranzK

Merano, 30 de maio de 1920, sábado

²⁶ Provavelmente Ottilia Kafka, a mais nova das três irmãs de Kafka e de quem era mais próximo.

²⁷ Círculo literário que se reunia diariamente no Café Arco de Praga, ao qual pertenciam Franz Werfel, Willy Haas (o primeiro editor das *Cartas a Milena*) e o marido de Milena, Ernst Pollak.

²⁸ Staša Jílovská (1898-1955), jornalista, tradutora e revisora, amiga de escola de Milena.

Como anda, Milena, o seu conhecimento da natureza humana? Algumas vezes já duvidei dele, p. ex., quando escreve sobre Werfel, há aí também amor e talvez só amor, mas um amor que se engana, e p. ex. quando se abstrai tudo o que Werfel é e se permanece apenas na reprovação ao fato de ele ser gordo (o que aliás me parece injusto, a meu ver W. fica mais belo e adorável a cada ano que passa, mas só o vejo de passagem) – não sabia, Milena, que só as pessoas gordas são confiáveis? Somente nesses recipientes espessos e encorpados é que algo pode cozinhar até o fim, somente esses capitalistas do espaço e do ar, tanto quanto é possível em seres humanos, estão protegidos das preocupações e da loucura e portanto podem se ocupar de suas tarefas com tranquilidade, e unicamente eles, como alguém disse certa vez, são úteis enquanto legítimos cidadãos terrestres em qualquer parte da Terra, pois ao norte eles se aquecem e ao sul providenciam sombra (na verdade isso poderia ser invertido, mas aí já não seria verdade).

Em seguida, os judeus. Pergunta-me se sou judeu, talvez seja só uma brincadeira, talvez apenas queira saber se faço parte daqueles judeus ansiosos e assustados, seja como for, enquanto uma pessoa vinda de Praga, Milena, não há como ser tão inocente a esse respeito quanto por exemplo Mathilde, a esposa de Heine. (Talvez não conheça a história. Agora sinto que teria algo importante para lhe contar, é certo que vou me prejudicar a mim mesmo de alguma forma, não por conta da história, mas do fato de contá-la, ainda assim a senhora deveria ao menos uma vez ouvir de mim algo bonito. Meißner, um poeta alemão da Boêmia, não-judeu, conta em suas memórias a seguinte história: Mathilde sempre o irritava com investidas contra os alemães: os alemães seriam maldosos, ardilosos, intransigentes, preciosistas, inconvenientes, numa palavra, um povo insuportável. “Mas você realmente não conhece o povo alemão!”, redarguiu Meißner finalmente, “Henry se envolve apenas com jornalistas alemães, que aqui em Paris são todos judeus”. “Ai”, respondeu Mathilde, “você exagera, aqui e ali entre eles pode até haver um judeu, p. ex. Seiffert. “Não”, contestou Meißner, “esse é o único não judeu”. “O quê?”, perguntou Mathilde, “e por exemplo Jeittles (um loiro grande e forte), seria ele judeu?”, “Claro!”, respondeu Meißner. “Mas e Bamberger?” “Também”. “Mas e Amstei?” “Igualmente”. E assim foram passando por todos os conhecidos um por um. Finalmente, Mathilde se

irritou e disse: “Você está é me fazendo de boba, só falta querer dizer que Kohn também é um nome judeu, mas Kohn é primo de Henry e Henry é luterano.” Diante disso Meißner não pode objetar mais nada). Seja como for, a senhora parece não ter medo dos judeus. Isso é heroico, considerando a última ou penúltima geração de judeus das nossas cidades e – agora sem brincadeiras! –, se uma jovem ainda pura diz para os parentes: “deixem-me ir!” e parte para uma dessas cidades, é um feito mais significativo que a partida da Dama de Orleans²⁹ de seu vilarejo.

Portanto, a senhora também deveria recriminar nos judeus aquela ansiedade particular, embora uma tal recriminação generalizante contenha mais conhecimento teórico do que prático, mais conhecimento teórico, pois, em primeiro lugar, de acordo com a primeira descrição que me fez do seu marido, a recriminação realmente não se aplica a ele, em segundo, conforme a minha experiência, ela não se aplica à maioria dos judeus, e, em terceiro, ela só se aplica a alguns casos isolados, a estes, porém, com muita força, por exemplo, ao meu. Contudo, o mais inusitado é que, no geral, a recriminação não é pertinente. A situação incerta dos judeus, incerta em si, incerta entre as pessoas, tornaria acima de tudo compreensível o fato de que eles deveriam acreditar somente possuir aquilo que têm entre as mãos ou entre os dentes, o fato de que só a posse do que lhes estiver ao alcance das mãos lhes concede o direito de viver, e que aquilo que foi uma vez perdido nunca mais será reconquistado, ao contrário, será levado embora como se pelo mar. Aos judeus ameaçam perigos vindos das direções mais improváveis, ou, para sermos mais precisos, deixemos os perigos de lado e digamos: “aos judeus ameaçam ameaças” [*drohen ihnen Drohungen*]. Um exemplo que lhe está bem próximo, embora eu talvez tenha prometido me calar a respeito (numa época que eu praticamente não a conhecia ainda, Milena), não tenho escrúpulos de mencioná-lo na sua frente, pois o exemplo não lhe dirá nada de novo, lhe mostrará apenas o amor dos familiares, e os nomes e detalhes eu omitirei pois já não lembro. Minha irmã mais nova deve se casar em breve com um tcheco, um cristão, este uma vez contou da sua intenção de se casar com uma

²⁹ Título da tragédia de Friedrich Schiller, *Die Jungfrau von Orleans* (1801), que conta a história de Joana D’Arc.

judia para uma parente, que então disse: “Tudo menos isso, tudo menos se associar a judeus! Ouça bem: a nossa Milena etc.”³⁰

Onde eu queria levá-la com tudo isso? Perdi-me um pouco, mas não faz mal, pois talvez Milena tenha me acompanhado e agora estamos os dois perdidos. É isso o mais verdadeiramente belo na sua tradução: que ela é fiel (não me repreenda por causa do “fiel”, a senhora sabe fazer de tudo, mas repreender é o que faz melhor, eu queria ser seu aluno e cometer erros o tempo todo só para o tempo todo receber suas reprimendas, sentar na carteira da escola, mal ousar erguer o olhar, a senhora se inclina sobre a gente e, lá no alto, o seu dedo indicador, com o qual faz suas correções, cintila e treme sem cessar, não é assim?) enfim, que ela é fiel, e que tenho a sensação de que eu a conduzo pela mão, Milena, através das passagens subterrâneas, escuras, degradantes e odiosas da minha história, quase interminavelmente (é por isso que as frases são intermináveis, não percebeu?) quase interminavelmente (e me diz que a tradução levou só dois meses?), para então, espero, ao sairmos em plena luz do dia, termos o bom senso de desaparecer.

Uma advertência, para interromper por hoje, para liberar por hoje a mão que traz a felicidade. Amanhã volto a escrever e esclareço por que – enquanto puder responder por mim – não poderei ir à Viena, e não descansarei antes que me diga: ele tem razão.

Seu,
F

Por favor, escreva o endereço de forma um pouco mais clara, e, se sua carta já estiver no envelope, então ela já é quase propriedade minha, e a propriedade alheia deve ser manuseada com mais atenção e senso de responsabilidade. *Tak* [logo...]

³⁰ Ernst Pollak, marido de Milena, era judeu. O casamento foi motivo de escândalo na família de Milena. Para tentar dissuadi-la, o pai, católico intransigente, a internara num sanatório, onde Milena passaria nove meses, de junho de 1917 a março de 1918. Tinha apenas 20 anos. Ao receber alta, Milena já havia atingido a maioridade e se casa com Pollak. Assim ela descreve a experiência em carta a Max Brod de julho de 1920: “Quando má-utilizada, a psiquiatria é uma coisa terrível; qualquer um pode ser categorizado como anormal, e toda palavra se torna uma nova arma nas mãos do algoz [*Quäler*]. (KAFKA, 1986, p. 360).

Aliás, tenho também a impressão, sem que possa defini-la melhor, de que uma carta minha foi extraviada. A ansiedade do judeu! Em vez de temer que as cartas cheguem bem!

Referências

- BOTTMANN, Denise. Kafka no Brasil: 1946-1979. **Tradterm**, 24, 2014, p. 213-238. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2014.96564>
- GUIMARÃES, Gabriel Alonso. **Contradição: uma versão comentada do Konvolut 1920 de Kafka**. Tese (doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.
- HARING, Ekkehard W. Das Briefwerk. In: AUEROCHS, B.; ENGEL, M. (Org.). **Kafka-Handbuch: Leben - Werk - Wirkung**. Stuttgart: J.B. Metzler, 2010. p. 390-401.
- KAFKA, Franz. **Briefe 1918-1920**. Kritische Ausgabe. Org. Hans-Gerd Koch. Frankfurt am Main: Fischer, 2013.
- KAFKA, Franz. **Briefe an Milena: Erweiterte und neu geordnete Ausgabe**. Frankfurt am Main: Fischer, 1986.
- KAFKA, Franz. **O desaparecido ou Amerika**. Tradução de Susana Kampff Lages. São Paulo: Editora 34, 2003.
- WOODS, Michelle. **Kafka Translated: How Translators have shaped our Readings of Kafka**. Bloomsbury, New York: Bloomsbury, 2014.

Resumo

Apresenta-se aqui uma proposta de tradução das dez primeiras cartas escritas por Franz Kafka para Milena Jesenská. Disparadas pela tradução de Milena da obra “O foguista” para o tcheco e publicadas pela primeira vez em 1952, as *Cartas a Milena*, ainda não receberam tradução direta para o português brasileiro. Assim, espera-se fornecer um vislumbre dessa correspondência a partir do contato com o original alemão. A tradução vem acompanhada de comentários históricos, biográficos e filológicos que contextualizam a vida e época dos correspondentes.

Palavras-chave: Cartas a Milena; Kafka; Milena Jesenská; Epistolografia; Literatura Epistolar

Abstract

We propose here, in an introductory fashion, a translation into Brazilian Portuguese of the first ten letters written by Franz Kafka to Milena Jesenská. Initiated with Milena's translation of Kafka's "The Stoker" into Czech and first published in 1952, the *Letters to Milena* have yet to receive a direct translation into Brazilian Portuguese. Therefore, we aim to provide a glimpse of this correspondence through direct contact with the original German. The translation is accompanied by historical and biographical commentary about the correspondents.

Keywords: Letters to Milena; Kafka; Milena Jesenská; Epistolography; Epistolary Literature